

© Todos os direitos reservados. Qualquer reprodução desta tradução sem permissão do tradutor é expressamente proibida.

# **O Darma Tolo de um Idiota Vestido de Barro e Penas**

por Düdjom Lingpa

Traduzido para o inglês por B. Alan Wallace

Traduzido para o português por Lama Padma Samten

Revisão Marcelo Nicolodi e Jeanne Pilli

[460] Naquele mesmo instante, despertei do profundo adormecimento da mente no campo búdico de Akaniṣṭha, o espaço absoluto dos fenômenos, livre dos extremos.

Minha própria consciência prístina surgiu como o professor dharmakāya, o grande senhor imutável e que tudo permeia;  
o poder criativo da consciência primordial autoemergente se manifestou como uma exibição de miríades de discípulos;  
e seu próprio brilho interno surgiu como a grande expansão da espontaneamente realizada Grande Perfeição. Que espantoso!

Para aqueles cujas mentes estão inteiramente dedicadas ao caminho único percorrido por todos os jinas, que sabem que chegaram a uma encruzilhada, mas que por estarem cegos à visão não conseguem enxergar com certeza aonde ir, [461] acho que isso é um pouco do que eu, um homem velho que conhece o caminho, lhes diria.

Alguns eruditos brilhantes menosprezam o Dharma e as pessoas e, com a habilidade de ridicularizar, abandonam o Dharma e cometem falhas raiz. Com o amadurecimento completo de tal karma, eles são lançados às profundezas do oceano do saṃsāra. Se aos olhos de tais especialistas nem mesmo os ensinamentos dos jinas são atraentes, o que dizer dos ensinamentos de outros. Se eu estiver em erro aos olhos de outros que são dotados com o olho de sabedoria e a conduta apropriada, confesso e revelo todas as quebras de conduta, falhas e degradações cometidas em todas as minhas vidas. [462] Possam elas ser purificadas e eliminadas e que, por favor, me seja concedido o siddhi supremo nesta mesma vida!

Embora eu tenha me sentado aos pés de professores humanos e mentores espirituais sublimes, e tenha bebido a ambrosia de seus ensinamentos, não me tornei um especialista. Apesar disso, algumas vezes este tolo se engajou em meditações estúpidas fabricadas por ele mesmo. Com base em visões ilusórias em sonhos, nos quais outros me deram instruções diretas, entreguei-me à investigação e à análise e tentei muito praticar. Entretanto, como não encontrei um guru para me conduzir no caminho, desenvolvi uma sensação crescente de elevada auto-estima, orgulho e arrogância. Essa é minha experiência, e eu a tomei orgulhosamente como sendo realização e tenho confiança nela. Uma vez que eu definitivamente não possuo mesmo as mais tênues qualidades excelentes da inconfundível consciência primordial, que brotam da visão e meditação autênticas, tenho me comportado como no conhecido aforismo: “Ainda que a marmota pareça estar meditando, na verdade ela está apenas hibernando”. Estou revelando com pureza minhas próprias faltas, sem ocultar nada, assim, por favor, olhem para mim com compaixão! Entretanto, para expressar o oferecimento do sangue do meu coração, tentando pelo menos não violar os ensinamentos dos meus sublimes gurus, então o que mais há a fazer senão escrever?

Na minha opinião, se você não submeter seu focinho ao gancho e à corda do autocentramento, [463] mas sim aspirar pelo que está por vir pensando em definitivamente realizar uma colheita para todas as vidas futuras, livre de enganos, então, se não fizer algo significativo neste nascimento humano atual com suas liberdades e oportunidades, será difícil obter no futuro outras vezes tal oportunidade. Esta ocasião – da conjunção de circunstâncias e

de ter encontrado a liberdade – não é nada mais do que um sonho, e se você desperdiçá-la inutilmente, ao perder tal liberdade, o que fará? Reflita cuidadosamente sobre isso e reconheça sua situação por si mesmo. Esse é o primeiro ponto.

Nesta ocasião em que você dispõe de tal conjunto de oportunidades em termos de corpo, ambiente, amigos, mentores espirituais, tempo, e instruções práticas, sem procrastinar para amanhã e para o dia seguinte, faça brotar um sentido de urgência, como se uma faísca tivesse atingido seu corpo ou um grão de areia tivesse caído em seu olho. Se não tiver se aplicado prontamente à prática, examine os nascimentos e mortes de outros seres e reflita repetidamente sobre a imprevisibilidade da duração de sua vida e do momento da sua morte, e sobre a incerteza da sua própria situação. Medite sobre isso até que se integre definitivamente à sua mente. Esse é o segundo ponto.

E também na vasta, ilusória e delusiva planície de emanações e transformações, lunáticos descuidados cavalam o corcel cego e selvagem da preguiça espiritual, e, sem as rédeas para controlá-lo, eles o açoitam vez após vez com o chicote da negligência. Assim, embora tenha havido um tempo em que poderiam ter semeado uma colheita duradoura para todas as suas vidas, desta vida em diante eles serão implacavelmente empalados pelos raios pontiagudos da roda do samsara e dos estados miseráveis da existência. Energias cármicas ferozes os aprisionam, eles não têm para onde escapar e são arremessados de uma vida a outra. Quando esse tempo chegar [para você], você não terá liberdade. Em vez de pensar se há alguém que possa protegê-lo quando chegar a esse grande buraco de fogo de sofrimento, abandone o fingimento humano e a busca pelas coisas desta vida. Esse é o terceiro ponto.

Esses [três pontos] são o campo do Dharma sublime, a exortação para alcançar a liberação, e o único guia, guardião e mentor espiritual para afastá-lo dos caminhos que descem para as masmorras do sofrimento do saṃsāra e dos estados miseráveis da existência. O espírito de emergência e zelo espiritual daqueles que não possuem esses três pontos são como o orvalho no verão.

Ei!

Indivíduos dotados com carma e boa fortuna obtiveram uma vida de liberdades e oportunidades devido à reunião e ao amadurecimento oportuno de um nexo causal de conexões fortuitas de karma e preces.

Os frutos daquilo que foi semeado anteriormente estão sendo consumidos agora, mas as alegrias e tristezas reservadas para o futuro dependem de [465] você.

As aparências desta vida, incluindo amigos e tudo que o circunda, são semelhantes aos sonhos da noite passada, e esta vida passa mais rápido do que o clarão de um raio no céu.

Não há fim para esse trabalho sem sentido. Que piada preparar-se para viver para sempre!

Onde quer que nasça, seja nas alturas ou nas profundezas do saṃsāra, o grande laço do sofrimento o prenderá com firmeza.

Obter liberdade por si mesmo é tão raro como uma estrela à luz do dia; portanto, como seria possível praticar e atingir a liberação?

A raiz de todo o treinamento da mente e das instruções práticas é plantada pelo conhecimento da natureza da existência. Não há outra forma.

Eu, um velho vagabundo, sacudi minha bolsa de mendicante, e foi isto o que saiu.

Tendo estabelecido esses ensinamentos como sua fundação, com devoção constante, ofereça preces de súplica ao seu guru. Externamente, imagine seu guru no topo de sua cabeça. Internamente, visualize seu próprio corpo como o guru. No aspecto secreto transfira repetidamente suas próprias energias vitais, mente e consciência, e funda-as de modo não dual com a consciência primordial não conceitual da mente de seu guru. Esse é o primeiro ponto.

Com devoção e afeto, visualize seus companheiros como sendo da natureza de vīras e ḍākinīs, e veja as ótimas qualidades de seu guru e de seus irmãos e irmãs do Dharma em vez de observar seus defeitos. Esse é o segundo ponto.

Neste reino ilimitado do saṃsāra, [466] entre todos os seres vivos que estão atormentados e presos a um sofrimento indescritível, não há nem mesmo um que não tenha sido seu pai ou sua mãe. Em outros tempos, como seus pais e mães atuais, eles cuidaram de você com comida e roupas confortáveis e o beneficiaram de maneiras incontáveis. Protegendo-o dos medos e sofrimentos imensuráveis, eles foram extremamente bondosos. O que todos eles desejam é felicidade, mas em termos de comportamento, esses pobres tolos criam as causas e plantam as sementes do sofrimento. Com um sentimento de compaixão por cada um deles, reflita constantemente sobre isso até que uma compaixão genuína faça correr lágrimas de seus olhos e seu fluxo mental seja domado. Além disso, tome a resolução: “Eu os conduzirei ao estado búdico onisciente, insuperável, autêntico e perfeito”, e aplique-se à prática do Dharma sublime e profundo. Seja qual for o Dharma que praticar, dedique-o a todos os seres sencientes, sem distinção entre os que estão perto ou distantes. Esse é o terceiro ponto.

Esses três pontos são a natureza essencial de todos os Dharmas, a raiz de todos os Dharmas, a fonte de todos os Dharmas, e os olhos e membros de todos os Dharmas. Sem eles, seja qual for o Dharma que praticar, será como um cadáver sem cabeça ou membros. [467]

Hurra!

Se as pessoas excelentes que aspiram entrar no caminho autêntico realmente quiserem praticar o Dharma sublime, elas deveriam fazer oferendas para o proveito de sua prática; elas deveriam fazer preces de súplicas ao seu guru, que é a combinação da natureza essencial de todos os budas; e elas deveriam receber as iniciações e os siddhis.

Toda a comida, bebida, roupas, ornamentos, prazeres, movimento e repouso devem ser trazidos ao caminho como oferendas de *gaṇacakra*, prostrações e circum-ambulações.

Sempre considerem seus amigos do Dharma e irmãos e irmãs no caminho que possuem os mesmas samayas que vocês como manifestações de vīras e ḍākinīs. É importante que vocês os honrem com afeição genuína e com equanimidade, sem se sentirem próximos dos que são bons ou distantes dos que são maus.

Todos os seres sem exceção já foram seus pais bondosos, e eles são objetos de compaixão, afundando no pântano do sofrimento. Sem nunca abandoná-los em suas mentes, gerem uma atitude heroica de grande coragem em seu compromisso solene de conduzi-los a um estado de bem-aventurança.

Essa é minha mais profunda aspiração, mas apesar de querer ser de benefício para tolos como eu mesmo, não possuo qualquer erudição especial, nem habilidades de escrita ou qualidades atraentes.

Saibam que nunca se afastar desses três pontos é como um terreno fértil para a prática e como as pedras da fundação de uma fortaleza.

Quando pensei em ir a um grande mercado vestido com roupas imponentes e chamativas, mas sem encontrar tais trajes, [468] no final besuntei meu corpo com barro e finquei nele vários ramos, grama, flores e penas. Agora explicarei as tolas meditações de alguém que veste barro e penas como roupa, considerando-os como os mais finos ornamentos e vestimentas. Assim, ouçam! Observem! E riam disso!

Hoje em dia, alguns contemplativos dizem que você deveria alimentar bons pensamentos e interromper os maus, mas eu penso que isso é como fechar as portas e janelas após um cão ladrão ter escapado para fora e então tatear por dentro da casa escura. Alguns dizem que você deveria seguir os pensamentos anteriores como se estivesse mandando um cão de caça atrás de uma raposa, e então aplicar antídotos. Essa é uma boa prática para iniciantes, mas eu penso que pessoas que passam toda sua vida nela e a consideram como a melhor das práticas podem estar enganando a si mesmas, sobrepondo uma delusão a outra. Alguns observam seus pensamentos “logo ali”, como um velho pastor em uma vasta planície observando ao longe seus terneiros e ovelhas. Eu digo que essa também é uma prática para iniciantes, mas se tomar apenas isso como caminho, você gerará confiança nas meras experiências meditativas de bem-aventurança, luminosidade e ausência de conceitos.

[469] Tendo subido ao topo da elevada e poderosa fortaleza da auto-importância, tais pessoas menosprezam as outras com um olhar arrogante, posando majestosamente na sela de seu fino corcel. Se eu examinar aqueles cujas vidas se passam dessa forma, vejo que no passado criaram as causas para girar e girar no saṃsāra sob a influência da fixação dualista. Parece-me que se eles persistirem na prática exagerada dessa meditação, que necessidade há de dizer que isso atuará como uma grande âncora, fixando-os mais firmemente no saṃsāra?

Algumas pessoas dizem que os pensamentos são como os trovões dos raios, que a consciência primordial, lucidez prístina, é como a clara luz, e que a não dualidade das aparências e da lucidez prístina é o caminho autêntico. Outros dizem que tão pronto os pensamentos surgem, o caminho autêntico é reconhecer por si mesmo a não dualidade daquilo que aparece e daquele que reconhece. Isso tem o mesmo significado da [posição] precedente. Parece-me que se você é como um garuda que pode voar de seu ninho, é absurdo expulsar 21.000 camundongos mortos de seu ninho em um único dia!<sup>1</sup> Se tomar essas [práticas] como caminho e ficar preso a elas, você será como uma pessoa cega, confusa, vagando em uma planície sem companhia. Saiba que essas práticas são certamente

indispensáveis, fases específicas de familiarização ao longo do caminho, como as três fases específicas de infância, juventude e idade adulta [470] no curso da vida de uma pessoa.

Em visões meditativas e sonhos me foram concedidas instruções diretas por meio de símbolos e palavras expressas pelo glorioso Vajra Nascido no Lago de Orgyen, e eu possuo um caminho próprio, de visões ilusórias estáveis de meu corpo, fala e mente sendo abençoados pelos seus três vajras.

Resumindo, os iniciantes entram no caminho autêntico por meio de investigação e familiarização, assim, primeiro vá a um lugar isolado, sente-se em uma almofada confortável e gere a bodhicitta, a aspiração de atingir a perfeita iluminação. Com devoção sincera ofereça preces de súplica ao seu guru e receba as quatro iniciações.<sup>2</sup>

Então identifique a primazia da mente entre corpo, fala e mente, dissipando qualquer dúvida com relação a esse ponto. Então investigue cuidadosamente a assim chamada mente em termos de seu lugar de origem, sua localização intermediária, e seu destino final. A análise desses pontos revela a vacuidade de sua origem, localização e destino.

Então investigue a mente como o agente que conjura todos os tipos de pensamento, buscando sua aparência, cor e forma, bem como sua fonte, começo e fim e se ela realmente existe ou é totalmente inexistente. Fazendo isso, uma vez que você determinou com confiança que ela não pode realmente ser apontada de modo algum, você entrou no caminho. [471]

Se você forçar a supressão do processo de pensamento, focando sua mente unidirecionalmente em coisas tais como um pau ou uma pedra, então muitos pensamentos obsessivos surgirão, como se você tivesse bloqueado um canal de irrigação, e seu corpo, fala e mente podem tornar-se intensamente desconfortáveis. Nesse caso, relaxe um pouco e contemple seus pensamentos à distância, claramente observando o que surgir.

Aquilo que observa é chamado de *atenção plena*, ou *consciência*, aquilo que é observado é chamado de *movimento*, e repousar nesse estado é chamado de *quietude*. Identifique-os como tal e medite! Se meditar diligentemente, as experiências meditativas de bem-aventurança, luminosidade e ausência de conceitos de *śamatha* surgirão em seu fluxo mental. Consequentemente, quando quietude, movimento e consciência se fundem e todos os pensamentos discursivos são autoconhecedores e auto-iluminadores, medite identificando isso como consciência. E quando os pensamentos automaticamente se dispersam em todas as direções, medite identificando isso como a mente da ausência de consciência. Fazendo isso, de acordo com o grau de agudez de suas faculdades, várias experiências meditativas como bem-aventurança, luminosidade, vacuidade, quietude e aspereza certamente ocorrerão. Assim como sempre foi da natureza da lua crescer e minguar, também é da natureza da mente ficar periodicamente feliz ou triste. Assim, sem esperança ou medo, rejeição ou aceitação, negação ou afirmação, não perca sua própria estabilidade nessa luminosidade e cognoscência. [472] Esse é um ponto crucial. As experiências meditativas e aparências desaparecem por si mesmas, dissipando-se, incapazes de se sustentarem, como ilusões e sonhos, assim, reconheça isso. Se você alimentar, refutar ou afirmar, tiver esperanças ou temer, ou se apegar ou fixar-se a experiências como bem-aventurança, luminosidade, vacuidade, aspereza, sonhos, ou percepção extrassensorial sutil, isso o conduzirá a erros e obscuridades, assim, reconheça isso.

Então, eu ouvi anciões dizerem que a meditação é o caminho perfeito dos budas. Assim, depois de pensar cuidadosamente sobre isso, concluí que talvez isso fosse algo que pudesse ser visto com os olhos, segurado com as mãos, ou ouvido com os ouvidos. E se aqueles velhos monges conseguiram, então eu certamente seria capaz também! Assim, fui para uma região solitária e remota, apoiei as minhas costas contra uma rocha vermelha e fiquei três dias fixando o olhar à minha frente. Enquanto dormia ao anoitecer do último dia, uma criança branca apareceu e perguntou: “Por que você está sentado aqui?” Eu respondi: “Estou sentado aqui pensando se sou capaz de ver algo que se assemelhe a meditação.” A criança fechou os olhos e então cantou essa canção:

Ei, ei!  
Você, cego, que aspira entrar no caminho autêntico, ouça!  
O corpo é como um saco de papel levado pelo vento.  
A fala é como o som do ar passando por uma flauta. [473]  
Essa mente é o criador tanto do saṃsāra quanto do nirvāṇa.  
Entre esses três, identifique qual tem primazia!  
Você terá que esperar por um longo tempo antes de ver ou ouvir algo que se chame *meditação*.

Com essas palavras eu despertei.

Então eu refleti um pouco e determinei que a mente tem a primazia, mas não sabia o que fazer a seguir. Assim, alguns dias depois em um sonho noturno, um iogue dizendo ser o Vajra Nascido no Lago de Orgyen colocou um vaso sobre minha cabeça e disse: “As obscuridades de seu corpo de juventude foram purificadas, e com essa iniciação do vaso seu corpo foi amadurecido como um *nirmāṇakāya*. Eu o nomeio como meu regente. Agora você deve investigar diligentemente a origem de onde essa mente surgiu inicialmente, onde ela se encontra no período intermediário, e o destino para onde vai ao final. Meditação é apenas isso!” Então ele pareceu dissolver-se em mim.

Em outra noite, em um sonho, um iogue de cor vermelha dizendo ser Vajra da Fala de Orgyen disse: “Filho, foque sua mente firmemente em mim. Corte todos os pensamentos forçadamente.” Como resultado dessa tentativa, pensamentos brotaram ininterruptamente, assim eu disse a ele que minha mente não era capaz disso.

“Você está consciente do fluxo deles?”, ele perguntou. [474]

“Estou,” eu respondi.

“Bem, tais pensamentos são chamados de *movimento*. Aquilo que os compreende é chamado de *consciência*. Manter-se nessa compreensão é chamado de *quietude*. Nunca se afaste desses três!”

Com essas palavras ele verteu ambrosia de uma copa de crânio e disse: “Com essa iniciação secreta sua fala foi amadurecida como o vajra da fala.” Então ele pareceu dissolver-se em mim.

Então, quando três anos tinham se passado, em um sonho uma jovem mulher colocou treze sementes brancas de mostarda em um espelho límpido e brilhante e disse: “Filho, segure esse espelho no seu coração. Essas sementes de mostarda são um sinal e um presságio

indicando que no futuro seus discípulos se tornarão vidyādharas.” Colocando-o sobre meu coração, ela cantou esta canção:

Que maravilhoso!  
 Filho da essência vajra da clara luz, sua própria mente é a base de todo o  
 saṃsāra e o nirvāṇa.  
 A origem da qual ela inicialmente emerge é vazia.  
 O local onde ela reside no período intermediário é vazio.  
 O destino para onde ela vai no final é vazio.  
 Perceba a natureza essencial da vacuidade!  
 Ela não tem forma, aparência, configuração, cor ou fonte.  
 Nem é uma ou muitas, e nem é emanada ou reabsorvida.  
 Ela transcende os parâmetros de existência e inexistência.  
 É vazia das palavras convencionais de negação e afirmação.  
 É espontaneamente realizada [475] como grande vacuidade.  
 É um espelho que transcende causas e condições e é capaz de dar origem a  
 todos os tipos de reflexos.  
 Ainda que surjam cores claras ou escuras, o caráter de sua natureza essencial é  
 imutável.  
 Isso é uma analogia para a mente e a lucidez prístina.  
 Não considere a mente e a lucidez prístina como duas bases.  
 Não confunda a lucidez prístina com a mente!  
 A mente se refere a algo projetado pela lucidez prístina.  
 A noite não ocorre durante o dia, e o dia não ocorre durante a noite.  
 O espaço não se transforma em nenhum deles.  
 Faça a distinção entre a mente e a lucidez prístina desse modo.  
 Observar um pensamento após o outro é o caminho para atingir śamatha, mas  
 assim você não acessa o caminho autêntico.  
 Além disso, sustentar sua própria consciência de luminosidade e cognoscência  
 permite que os pensamentos se liberem por si mesmos.  
 Mas você não chega diretamente ao ponto.  
 Identifique a lucidez prístina da base!  
 Ó filho de sabedoria e lucidez prístina, a fonte secreta de tesouros das ḍākinīs é  
 sua herança!

Com essas palavras ela se dissolveu, juntamente com o espelho, em meu coração; e meu corpo, fala e mente foram tomados por alegria e bem-aventurança. Essas [palavras] se tornaram minha base de compreensão, assim, novamente eu meditei ardentemente sobre luminosidade e cognoscência. Consequentemente, às vezes parecia que aquilo que surgia e aquilo que estava consciente se dispersavam externamente de modo não dual [476] e então convergiam para dentro novamente. Em outras ocasiões, aquilo que aparecia e aquilo que estava consciente eram objetificados de modo não dual e espontâneo, e então naturalmente desapareciam. Em outros momentos, aparências e consciência eram não dualmente auto-emergentes e se dissolviam por si mesmas, de tal forma que eu entendi que elas não eram projetadas de dentro do corpo. Eu sabia que essas experiências eram atribuíveis à fixação à base da existência como um objeto.



Então todos os meus modos anteriores de fixação naturalmente se dissolveram e eu repousei na grande vastidão espontânea da base originalmente pura da existência. Todas as coisas que surgiam como sua expressão criativa naturalmente se liberavam em sua própria expansão. Essa natureza essencial – assim como suas expressões criativas, que são livres de modificação, antídoto, prática de meditação, memória, fixação e identificação – é chamada de *lucidez prístina do caminho*. Nesse momento, com a ausência da atividade mental, havia a realidade última. Como as esperanças, medos, negação e afirmação dissolveram-se no espaço absoluto, havia a consciência primordial auto-emergente. Sem procurar, havia a natureza essencial da realidade espontaneamente realizada, e o modo de ser do grande dharmakāya, livre de todos os extremos, parcialidade, ir e vir.

Como o sol que se eleva no espaço do céu, livre de contaminações, a consciência primordial, lucidez prístina, despertou na natureza de sua própria base auto-emergente e não modificada, e todas as aparências de suas expressões criativas liberaram-se sem serem de modo algum modificadas ou transformadas. Tal liberação natural é ilustrada [477] pela analogia da não dualidade do sol e seus raios. O substrato, como a natureza essencial da mente, é uma escuridão, como a noite; os pensamentos surgem como apego dualista ao apreendedor e ao que é apreendido; e a identificação profunda com alegria e tristeza é como a reificação de um sonho como verdadeiramente existente.

Não é da natureza essencial do céu mudar no curso do dia e da noite, mas sua natureza manifesta é afetada pelo sol. De modo semelhante, em termos de sua natureza essencial, a mente não muda, mas surge uma distinção entre a lucidez prístina e a mente, baseada na distinção entre a consciência primordial e a ignorância. A base é a fundação de onde todo o saṃsāra e o nirvāṇa emergem, assim como um espelho possibilita o surgimento de todos os tipos de reflexos.

Por um lado, todo o saṃsāra e o nirvāṇa consistem de expressões criativas da base, que em sua própria natureza essencial são primordialmente perfeitas. Por outro lado, penso que é contraditório essas expressões criativas estarem totalmente presentes em certos momentos e desaparecerem em outros. Algumas pessoas dizem que os pensamentos são momentos de lucidez prístina e que tanto saṃsāra quanto nirvāṇa estão totalmente presentes neles. Outros nomeiam os meros pensamentos autoconhecedores e auto-iluminadores como lucidez prístina genuína. Outros ainda dizem que a luminosidade e a cognoscência são a Grande Perfeição, como o brilho de um raio.

Eu penso, entretanto, que é incorreto dizer que no surgimento de quaisquer pensamentos, ao final de cada um [478] a totalidade de saṃsāra e nirvāṇa está completamente presente e então desaparece – pois todos os pensamentos devem ser liberados. Se não fosse assim, com o transitório surgir e desaparecer dos pensamentos, está claro que saṃsāra e nirvāṇa nasceriam e desapareceriam de modo demasiadamente frequente! Veja que as aparências autoliberadas das expressões criativas [da lucidez prístina] escorrem diretamente para a natureza essencial, dissolvendo-se de volta no seio primordial, como as ondas do oceano que naturalmente se dissolvem de volta no oceano sem ir a lugar algum.

Ainda que eu tenha praticado desse modo, quando encontrava qualquer problema menor, eu perdia minha própria referência na natureza da existência e recaía em estados ordinários.

Por exemplo, quando eu estava sozinho e nu na natureza, se ficasse amedrontado quando os vários animais ferozes e selvagens emitiam seus rosnados terríficos, eu não era diferente de uma pessoa ordinária. Nesse caso, não haveria modo pelo qual eu pudesse ser liberado no período intermediário através de tal meditação. Mas com o coração cheio de fé e reverência, eu rezei ao meu guru, o Vajra Nascido no Lago: “Por favor, conceda imediatamente instruções práticas para lidar com tais circunstâncias!” Adormecendo com imensa devoção, em um sonho eu tive uma visão de Dorjé Drolö de Orgyen<sup>3</sup>, surgindo de uma expansão de fogo flamejante e luz, e ele entoou esta canção *Hūṃ*: [479]

*Hūṃ Hūṃ!* Ser supremo, Vajra da Lucidez Prístina,  
*Hūṃ Hūṃ!* você entende o fio comum dos três mundos do saṃsāra  
*Hūṃ Hūṃ!* como o apego dualista a apreendedor e apreendido?  
*Hūṃ Hūṃ!* Você entende tanto o objeto quanto o sujeito  
*Hūṃ Hūṃ!* como dois pensamentos?  
*Hūṃ Hūṃ!* Você entende as alegrias e tristezas dessa vida e das vidas futuras  
*Hūṃ Hūṃ!* como experiências delusivas?  
*Hūṃ Hūṃ!* Você entende as aparências diurnas, as aparências noturnas, o  
 mundo físico e seus habitantes sencientes  
*Hūṃ Hūṃ!* como experiências de luz e escuridão?  
*Hūṃ Hūṃ!* Você entende as alegrias, tristezas, ambientes e amigos desta vida  
*Hūṃ Hūṃ!* como experiências de sonho e aparências delusivas,  
*Hūṃ Hūṃ!* e sabe que elas são igualmente irreais?  
*Hūṃ Hūṃ!* Por mais vastos que o mundo físico e seus habitantes sencientes  
 sejam,  
*Hūṃ Hūṃ!* eles não se estendem além da expansão do espaço.  
*Hūṃ Hūṃ!* Ainda que o espaço não tenha periferia ou centro,  
*Hūṃ Hūṃ!* ele não se estende além da expansão da lucidez prístina.  
*Hūṃ Hūṃ!* Campos búdicos e budas excelentes  
*Hūṃ Hūṃ!* são a face de sua própria base, a natureza da existência.  
*Hūṃ Hūṃ!* Não se engane sobre os budas como se fossem autônomos.  
*Hūṃ Hūṃ!* Eu eliminarei os erros dos m̄aras acima.  
*Hūṃ Hūṃ!* Inimigos, demônios, más companhias e o seu ambiente  
*Hūṃ Hūṃ!* são experiências delusivas do apego dualista conceitual.  
*Hūṃ Hūṃ!* Não os veja como nada além de reificação.  
*Hūṃ Hūṃ!* Eu destruirei os erros dos m̄aras abaixo.  
*Hūṃ Hūṃ!* As aparências do dia e do sonho  
*Hūṃ Hūṃ!* são reificadas e fixadas como nomes e coisas. [480]  
*Hūṃ Hūṃ!* Mesmo que você conheça a vacuidade por si mesmo,  
*Hūṃ Hūṃ!* você entende os pensamentos como aspectos de sua própria  
 natureza?  
*Hūṃ Hūṃ!* Ainda que você entenda a totalidade de saṃsāra e nirvāṇa  
*Hūṃ Hūṃ!* como a expansão primordial do espaço absoluto da base,  
*Hūṃ Hūṃ!* você os entende como manifestações não duais [da lucidez  
 prístina]?  
*Hūṃ Hūṃ!* As aparências dessas expressões criativas deslizam para a natureza  
 essencial daquilo que tudo permeia de modo uniforme,  
*Hūṃ Hūṃ!* liberando-se nessa expansão.

*Hūṃ Hūṃ!* Você entende que não há prática de meditação?  
*Hūṃ Hūṃ!* Internamente há a prisão do apego ao “eu”.  
*Hūṃ Hūṃ!* Externamente há apego e fixação aos objetos.  
*Hūṃ Hūṃ!* Entre esses a meditação é imaterial.  
*Hūṃ Hūṃ!* Você entende que as portas das  
*Hūṃ Hūṃ!* condições internas e externas obscurecem a face  
*Hūṃ Hūṃ!* da Grande Perfeição de saṃsāra e nirvāṇa?  
*Hūṃ Hūṃ!* Primeiro, pela investigação surgirá a compreensão.  
*Hūṃ Hūṃ!* A seguir, através da meditação surgirão experiências.  
*Hūṃ Hūṃ!* Finalmente, pelo repouso virá a realização.  
*Hūṃ Hūṃ!* Uma vez que surja a realização, ela é não dual com a liberação  
 simultânea.  
*Hūṃ Hūṃ!* Objetos e sujeitos reunidos  
*Hūṃ Hūṃ!* são despertos no espaço da mãe da grande expansão.  
*Hūṃ Hūṃ!* Minhas emanações e eu  
*Hūṃ Hūṃ!* nunca estivemos separados.  
*Hūṃ Hūṃ!* Sua natureza essencial é a ilusão de minhas próprias expressões  
 criativas.  
*Hūṃ Hūṃ!* Como a dissolução das aparições de um ilusionista,  
*Hūṃ Hūṃ!* elas são não duais no espaço absoluto. *Phat Phat!*

Com essas palavras ele tornou-se não dual comigo, e surgiu uma experiência de minhas grandiosas aparências permeando a totalidade de saṃsāra e nirvāṇa. Desse momento em diante, [481] devido a esse sinal, eu soube que essas eram instruções essenciais para fazer colapsar a falsa caverna das aparências.

Para detalhar apenas um pouco: (1) busque a fonte dos nomes, (2) destrua o apego à permanência das coisas, e (3) faça a falsa caverna colapsar, que está primordialmente liberada em seu próprio fluxo mental, pelo conhecimento e realização da totalidade de saṃsāra e nirvāṇa.

### **1. Busque a Fonte dos Nomes**

Ao investigar e analisar o apego resistente a dizer o nome “eu”, e o apego ao pensamento “eu sou”, você descobre que a base de designação de tudo – incluindo carne, sangue e ossos, por todo o exterior e interior do corpo, e do topo da cabeça até a sola dos pés – é não objetiva e vazia.

Então, continue a expor o erro buscando também por cada um dos nomes específicos de cabeça, pés, braços, juntas, e assim por diante. Com respeito ao modo de investigação de todas as formas de estabelecimento de nomes e convenções no ambiente externo, por exemplo, examinando o nome *casa*, em termos das áreas internas e externas, superiores e inferiores, e do seu barro, pedras e assim por diante, ela desaparece por si mesma. A terra se transforma em cerâmica, e os nomes das seções superiores e inferiores das pedras, os topos e as partes inferiores das árvores, e assim por diante, naturalmente desaparecem de onde estão e através de transformações e modificações se tornam moinhos d’água, fogões, pilares e vigas. A água se torna chá, o fogo se torna a chama de uma lamparina de manteiga, o ar se torna

uma rajada em um fole, e assim por diante. Revele a falácia em cada um desses casos, de que as bases de designação de tais transformações, cessações e desaparecimentos [482] não podem ser determinadas.

## **2. Destrua o Apego à Permanência das Coisas**

Se algo que é estabelecido como uma entidade é definitiva e verdadeiramente existente e permanente em sua própria natureza, então deve estar imbuído de sete qualidades: invulnerabilidade, indestrutibilidade, realidade, incorruptibilidade, estabilidade, total ausência de obstruções e total invencibilidade. Mesmo que as coisas pareçam ser assim por aparentemente serem firmes, pesadas, sólidas, existentes e permanentes, se todas as casas, terra, pedra, fogo, e água fossem destruídos, controlados, assoprados e dispersos, eles repentinamente desapareceriam como um sonho ou uma ilusão. Compreenda isto determinando que todos são vacuidade, desprovidos de natureza inerente.

Em geral, todo o mundo físico e seus habitantes sencientes, com todas as suas formas, cores, configurações e aparências que surgem dos cinco elementos, são vazios de suas próprias identidades, desaparecendo na expansão do espaço como nuvens e névoa. Mas mesmo que você saiba que eles são primordialmente vazios por si mesmos, se não os reconhecer como sujeitos e objetos do pensamento dualista, não há nem benefício e nem prejuízo. Como um mendigo olhando a arca do tesouro de outra pessoa, o seu conhecimento é inútil e trivial.

## **3. Colapsando a Falsa Caverna**

Se você tiver a compreensão, a experiência, e a realização do modo pelo qual saṃsāra e nirvāṇa nada mais são que sua própria mente, esse é um ponto profundo e poderoso. Entretanto, [483] libere sua mente ali, em sua própria natureza essencial, solta e livre, e investigue tudo sobre ela – sua periferia, centro, início e fim. Fazendo isso, se não for possível estabelecê-la como alguma coisa, e se você analisar e investigar cuidadosamente como ela é grande e espacialmente pervasiva, verá todos os três reinos do mundo físico e seus habitantes sencientes como uma totalidade dentro da expansão que tudo permeia do espaço. Se você não souber disso e não o determinar, comprove que todos os tipos de reinos do saṃsāra são experiências delusivas e nem remotamente se estabelecem como verdadeiramente existentes. Com respeito a um mesmo fluido, os seres dos infernos o veem como lava, os *pretas* o veem como pus e sangue, os animais o veem como algo para beber, os humanos o veem como água, os devas o veem como ambrosia, e assim por diante. Para cada um ele surge como sua própria percepção e experiência, mas não tem existência verdadeira própria.

E também, os seres sencientes parecem morrer devido a coisas pequenas como armas, porém, o frio e o calor dos infernos e a fome e a sede dos pretas não matam esses seres. Esse fato revela a falácia de sua existência verdadeira, uma vez que eles não são nada mais que meras aparências e experiências delusivas. Se você examinar as causas e condições, tais como um ferreiro que forja a base de ferro incandescente e as construções e cria as chamas e o combustível do inferno, você precisa reconhecer que essas são apenas aparências delusivas que não possuem existência verdadeira. Além do mais, [484] onde se encontra o amadurecimento das maldades e carma dos mestres e trabalhadores do inferno? Se não há

amadurecimento do carma para eles, por que outros precisariam passar por essa experiência? Se examinar esses pontos, você determinará que por si mesmos eles são como aparências de um sonho, independentemente de sua mera duração.

Alcance a certeza de que todos os seres sencientes sujeitos a sua própria fixação dualística envolvendo o sujeito e o objeto “eu” e “meu” estão sob o domínio do ciclo delusivo dos três reinos da existência. Como um corpo e sua sombra, eles sustentam sua base relativa aos objetos de seus próprios pensamentos. Esse é um processo persistente de habitualmente se fixar profundamente a esses vários objetos. Mesmo durante os sonhos à noite, você não reifica e se identifica com os objetos de terra, água, fogo, ar e espaço, bem como com as construções, parentes, amigos, seres amados, e todos os tipos de seres sencientes, isso sem mencionar todos os medos, alegrias, e tristezas – assim como faz durante o dia? Se você examinar sucessivamente todos os períodos de anos, meses e dias que se passaram, e todo o seu ambiente, amigos, seres amados, propriedades e casas, eles não são diferentes de sonhos sutis ou grosseiros. Além do mais, não há a menor diferença entre os 360 dias de aparências e as 360 noites de aparências de um ano, exceto o mero grau de sutileza e densidade dessas experiências.<sup>4</sup> Para onde vão os sujeitos e objetos [485] das aparências diurnas à noite? Os sujeitos e objetos das aparências noturnas não podem ser encontrados em lugar algum durante o dia. Procure ver se eles estão escondidos em algum lugar, e descobrirá que eles são semelhantes – eles nada mais são que sua própria mente.

Observe que a diferença entre o nascimento e a morte dos seres sencientes em um sonho e o nascimento e a morte dos seres sencientes que aparecem durante o dia é uma questão de aparências e experiências deludidas. Mesmo que reconheça o mundo fenomênico como consistindo de aparições mentais, se você se apega ao agente deludido como sendo interno e às aparências delusivas como sendo externas – como uma ilusão e um ilusionista ou um sonho e o sonhador – você está firmemente preso por correntes de fixação dualística. Em vez disso, saiba que a identidade conceituada que é apreendida como um “eu” e todos os seus aspectos que são estabelecidos como o mundo físico externo e seus habitantes sencientes internos surgem dentro da expansão da totalmente pervasiva natureza essencial da mente, sem um centro ou periferia. Eles não existem além da expansão dessa natureza essencial, assim como os reflexos em um espelho não existem além da superfície do espelho.

Além do mais, para qualquer lugar que transmigrar e renascer nos três reinos da existência, você não segue para outros lugares deixando para trás os anteriores. Na verdade, assim como as aparências do dia e dos sonhos, uma experiência de aparências delusivas se transforma em outra; portanto, alcance o claro reconhecimento de que o *samsāra* [486] consiste de experiências delusivas. *Samsāra* e *nirvāṇa* estão totalmente presentes como suas próprias percepções, e inteiramente incluídos na expansão da natureza essencial. Essa natureza essencial é chamada de *base*. O aspecto inconsciente da base é chamado de *substrato*, e seu aspecto puro é chamado de *dharmakāya*. Por estar exaurida na escuridão da inconsciência, a própria base fundamental, como o espaço, que permite o surgimento de todas as aparências, é o substrato. O aspecto aparente da conceituação dualística manifesta-se como as experiências delusivas das manifestações dos três reinos.

A natureza essencial da base é semelhante à natureza essencial do espaço, que não é transformada pelo dia e noite, não se transforma em qualquer outra coisa, e possibilita o

surgimento da luz e da escuridão. Por isso é chamada de Samantabhadra, livre de bom ou mau. Sua natureza manifesta aparece delusoriamente como a mente, mas no brilho interno da essência, ela se estabelece emergindo por si mesma como a base das cinco faces da consciência primordial, os cinco kâyas e os cinco campos búdicos. Portanto, ela é a grande consciência primordial inerente. As deidades e campos búdicos do nirvãna também estão totalmente presentes de modo espontâneo em sua própria base; assim, tanto os campos búdicos quanto as deidades autônomas que se movem para ou nascem em um reino após o outro, nada mais são do que aparências e experiências dualísticas. Aqueles que falham nesse ponto, mesmo que realizem os jñanasattvas, não têm base ou raiz para transcender a existência mundana. Uma vez que a raiz que aparece desse modo é penetrada e cortada, [487] e não apenas escrutinada, desse ponto em diante a reificação e a fixação precisam ser naturalmente cortadas também.

Quanto estiver no caminho, não se engaje nem mesmo brevemente no exame intelectual da mera natureza da existência. Sem qualquer investigação, análise, prática meditativa, modificação, ou alteração, relaxe em seu interior na natureza essencial. Por relaxar e repousar completamente nesse estado, as aparências de expressões criativas naturalmente continuarão a fluir, liberando a si mesmas. Isso é chamado de *iluminação pela consciência primordial da face da Grande Perfeição de saṃsāra e nirvãna*.

Qualquer modificação, alteração, esperança, medo, dúvida, negação, afirmação, apego, esforço, investigação e análise são imputados pelo intelecto, e o intelecto não é o aspecto último. O aspecto último transcende o intelecto, assim você precisa reconhecer esse ponto crítico. Quando estiver totalmente estabelecido, você pode cair em erro, e enquanto estiver presente no aspecto da vacuidade, os pensamentos podem ficar escondidos, além do alcance das expressões criativas da lucidez prístina. Nesse caso, eu digo que os pensamentos se tornam eticamente neutros no limite entre a mente e a lucidez prístina. Não se afastar da natureza da existência da Grande Perfeição de saṃsāra e nirvãna é um ponto sublime e totalmente crucial. Com isso, todos os deuses e demônios e todo o saṃsāra e o nirvãna são liberados em si mesmos, sem distinção entre bom ou mau.

Quando ocorre a extinção na realidade última, todas as aparências se recolhem em sua própria luminosidade interna – como a dissolução das aparências ilusórias, [488] ou a lua no céu vazio desaparecendo no espaço – e é como se a luz cristalina da consciência primordial não obscurecida se recolhesse para dentro. De sua própria perspectiva, as atividades para o benefício dos outros são livres de esforço. A radiância do brilho interno da expansão se manifesta como os naturalmente desimpedidos cinco kâyas e cinco campos búdicos, e a partir deles as expressões criativas dos nirmāṇakâyas compassivos são os professores que emergem por si mesmos, que são as próprias percepções dos discípulos.

Não tendo acessado a fonte de tesouros do ouvir e refletir, e não tendo servido nem mesmo um único mentor espiritual sublime, não possuo habilidade em composição, assim, por favor, não se aborçam comigo!

Ei, ei!

No espaço absoluto originalmente puro, livre dos extremos,  
na manifestação espontaneamente realizada do palácio da clara luz,

da natureza da bem-aventurança e vacuidade não duais,  
as corporificações inatas da lucidez prístina, Padmasambhava e Prahevajra,  
não são projetados mentalmente, mas são a face da própria natureza da  
existência.

Em um estado livre de esforços, eu naturalmente os encontro  
e recebo a herança da fonte de tesouros da expansão da realidade última.  
Não confunda essas instruções práticas com canções fantásticas entoadas nos  
mercados públicos!

Não se arruíne ao procurar destruir outros seres.

A vida humana é como um sol que se desfaz no crepúsculo,  
assim, não se entregue a ações enganosas, que arruínam você e outros.

A proliferação de atos de erudição acadêmica envolvendo listas e cálculos [489]  
é o limiar do orgulho, arrogância e visões falsas.

Seja porque a realização da liberação ocorre em seu próprio fluxo mental,  
ou porque a raiz de todos os Dharmas se origine em seu próprio fluxo mental,  
depois de você amadurecer espiritualmente, é claro que isso beneficiará os  
outros também.

Tendo investigado nossos próprios fluxos mentais tolos,  
não esperamos que nossas gotas d'água possam aliviar os outros.

Se observarmos os cinco venenos, os apegos e aversões de nossos próprios  
fluxos mentais,  
não esperamos que nosso conjunto de toxinas serão medicamentos nutritivos  
para proteger os outros.

Ei, ei!

Se você repousar sem alterações na lucidez prístina auto-emergente,  
o criador de saṃsāra e nirvāṇa é liberado deste modo único.

Assim, não busque a raiz das instruções práticas em outro lugar,  
e abandone toda a esperança de atingir ou adquirir resultados.

Se investigar o processo causal desta e das vidas futuras e dos dias e noites,  
verá que são experiências delusivas de pensamentos dualísticos.

Assim, revele a falácia da propensão habitual de se fixar enganosamente a eles  
como sendo autônomos.

De modo profundo e decisivo vislumbre a importância de ouvir e refletir.

Seja cético sobre meditações elaboradas nas quais pensamentos discursivos são  
bem-vindos e seguidos.

Não seja como aqueles patéticos contemplativos que ficam presos no meio,  
onde a face da natureza da existência, o sol da Grande Perfeição, está oculto  
pelas nuvens dos desvios e obscuridades do apego dualístico.

Quando observo as múltiplas flutuações de pensamentos,  
eu explodo em risadas [490] com a esperança da Grande Perfeição neles.

Ei, ei!

Não procure por budas autônomos  
separados da natureza essencial, sem limitações, da base primordial  
originalmente pura.

Todos os falsos padrões de experiências delusivas, externamente e internamente, do mundo físico e de seus habitantes sencientes estão inteiramente presentes na expansão da natureza essencial: isto é nossa “Grande Perfeição”!

No reino totalmente pervasivo e imutável de bem-aventurança e vacuidade surge a totalidade das manifestações da expansão vasta e totalmente abrangente,

onde o sol da clara luz eleva-se sem se pôr.

No interior de uma fortaleza invulnerável, um palácio espontaneamente surgido,

Esse homem velho e inútil, como uma corporificação da lucidez prístina da realidade última,

sustenta-se sobre um trono inabalável

de meios hábeis e sabedoria inseparáveis, repousando sobre os cadáveres das aflições mentais.

Eu não entendo devido a explicações, nem realizo devido a ensinamentos.

Meu professor é o Vajra Nascido no Lago,

que me concedeu um estimado tesouro da herança da Linhagem da Visão Iluminada,<sup>5</sup>

que não tem apresentação e nem listas de bases e caminhos.

Eu tomo a natureza essencial como o caminho – esse é meu Dharma da linhagem paterna.

Eu não estou preso pela reificação de visualizações, recitações, veneração e realização,

Pois o meu caminho é o da não meditação, não veneração e não realização.

Minha própria fundação, transcendendo o intelecto, é infinita, sem limites,

sem antídotos, modificações, alterações ou imputações intelectuais, e

não contaminada por qualquer coisa para observar, [491] manter, ou investigar.

Tendo liberado na amplidão – não estruturada, sem fabricações ou objeto de referência,

na ioga da inatividade, transcendendo bem e mau, esperança e medo, rejeição e aceitação –

surgiu a claridade totalmente aberta, com nada para fazer.

Na expansão auto-emergente da consciência primordial originalmente presente,

transformando-se na natureza não alterada da liberação sem esforço,

os nós do apego dualista foram dissolvidos diretamente.

Uma vez que saṃsāra e nirvāṇa foram purificados como o dharmakāya,

as amarras do saṃsāra e do nirvāṇa foram cortadas do meu coração.

Uma vez que a escuridão da ausência de lucidez desapareceu na lucidez vazia,

a estaca do apego e fixação foi arrancada desde sua base.

No ventre da abertura desimpedida, a natureza essencial de não objetividade

destruiu e expeliu a identificação com esperanças e medos, alegrias e tristezas.

No espaço absoluto da vacuidade, a sabedoria da ausência de identidades

destruiu e expeliu até o esquecimento as correntes do apego a mim mesmo.

Uma vez que a visão iluminada expansiva de Samantabhadra fluiu sem esforço,

eu saltei para o estado de um vidyādhara espontaneamente realizado.



Possam todos os seres sencientes por todo o espaço que me virem, ouvirem,  
lembrarem, ou tocarem,  
encontrar sua própria natureza essencial como kāyas auto-emergentes de  
lucidez prístina,  
e definitivamente alcançar a expansão de Samantabhadra.

\* \* \*

Em resposta ao sincero pedido do sublime guru Sönam Palden, um parente de Dodrub Rinpoche, [492] o tolo idiota Sakutsipa Düdjom Dorjé Trolö Tsal pronunciou esse *Darma Tolo de um Idiota Vestido com Barro e Penas*.

\* \* \*

*Svasti*<sup>6</sup>

1. Este ensinamento definitivo, bem apresentado e único sobre o núcleo vital da visão de Samantabhadra, a essência das instruções essenciais relativas ao yāna supremo livre de esforços, a Grande Perfeição Ati, a consciência primordial do dharmakāya, foi colocado sem véus em suas mãos.
2. De modo a furar as bolhas finas e pretensiosas das meditações intelectualmente fabricadas dos tolos, tome essa agulha de ouro completamente suficiente de instruções essenciais e abandone a elaboração de uma multiplicidade de práticas. Ó assembleia afortunada, alcancem a base da liberação primordial!
3. Com esse propósito, o rei e a rainha do Sikkim, de ancestralidade divina, abriram a porta sem trancas para um banquete de relíquias sagradas de instruções essenciais. Vocês que buscam a liberação, venham receber sua porção da ambrosia que dissipa a miséria!
4. Pelo poder do mérito imaculado, possam todos os seres se tornar vasos para a profunda e secreta Grande Perfeição, e tendo dragado as profundezas do saṃsāra na expansão da extinção na realidade última, possa o mundo por inteiro alcançar o sabor único da grande bem-aventurança de Samantabhadra!

Para atender o desejo de um praticante puro, [493] Jikdral Yeshé Dorjé pronunciou estes versos para uma edição posterior do texto. Que isso possa servir como uma causa para que esse precioso ensinamento da mente de Samantabhadra seja tão duradouro e pervasivo como o espaço.

*Sarva maṅgalam!*

## Notas

1 A cada dia respiramos 21 mil vezes, e as energias vitais que fluem com a respiração estão intimamente relacionadas ao surgimento de pensamentos. Seguir cada uma dessas 21 mil mentes-energia, como se estivesse enviando um cão caçador atrás de uma raposa, e então aplicar antídotos para expulsar cada uma, é um absurdo se você pode em vez disso repousar no espaço de lucidez, como um garuda que pode voar de seu ninho.

2 As quatro iniciações são (1) vaso ou água, (2) secreta ou da coroa, (3) sabedoria - consciência primordial ou iniciação vajra, e (4) palavra ou iniciação do sino. Veja o glossário; GD 255-57, 271; VE 249.

3 Tib. *o rgyan rdo rje gro lod*. Dorjé Drolö é uma das oito manifestações arquetípicas de Padmasambhava. Com respeito ao significado literal do nome, se *gro* é uma abreviação de *gro khog*, significando barriga, e *lod* é uma variação de *glod*, significando “frouxo”, então esse nome pode ser traduzido como “Vajra da Barriga Frouxa”.

4 O calendário tibetano tem apenas 360 dias por ano.

5 Tib. *rgyal ba dgongs pa'i brgyud*. O termo *dgongs pa* é a forma honorífica de *bsam pa*, que significa “pensamento” ou “intenção”. Entretanto, de acordo com Gangteng Tulku Rinpoche, nesse contexto trata-se da forma honorífica de *lta ba*, que significa “visão” ou “perspectiva”.

6 Este colofão é de Düdjom Rinpoche que editou este texto para publicação.